

OS ASTECAS E A EDUCAÇÃO

Nainôra Maria Barbosa de Freitas

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto – SP

Faculdade Católica da Arquidiocese de Ribeirão Preto – Brodowski – SP.

Apresentação

A civilização asteca viveu no território que hoje é o México e possuía um elaborado sistema educacional. O objetivo desta comunicação é apresentar alguns aspectos da educação entre os povos astecas ou mexicas. Ao responder algumas indagações de como eram as escolas dos astecas, quem as frequentavam, qual a língua usada para o ensino nos permite uma compreensão da sociedade asteca e das articulações sociais, políticas, econômicas e culturais por meio da educação.

Os astecas estabeleceram no vale do México por volta do ano de 1325 vindos de um lugar que considerava mítico e que chamavam de Aztlan localizado no atual Estados Unidos, falavam nahuatl, língua do grupo uta azteca. A historiografia latino-americana avançou nos estudos a respeito dos povos que habitavam a América antes da chegada dos espanhóis. A recuperação de crônicas dos mitos de origem, a visão cosmogônica, a descrição dos cronistas da conquista, entre outros estudos foram tratados na literatura das últimas décadas, da qual citamos alguns textos que usamos para esta comunicação¹.

Desenvolvimento

A educação ocupava uma esfera importante no cotidiano dos astecas. Vivendo um mundo em que a educação da criança estava a cargo da família cuidando para esta aprendesse as atividades do cotidiano, orientando para a confecção de diversos trabalhos como trazer água, carregar lenha para os meninos e fiar, tecer para as meninas, aos seis anos de idade as crianças passavam a frequentar um dos dois sistemas de educação pública: o colégio do bairro ou na Calmecac.

O Colégio do bairro, frequentado pelos filhos do homem comum, *maceultin*, meninos e meninas, que estudavam nas escolas dos quarteirões, onde os mestres de rapazes e mestres de moças preparavam os jovens para a vida prática².

Os filhos dos dignitários conhecidos como *pipiltin*, tinham direito a uma educação diferenciada, superior, nas Calmecac³. Na calmecac a sabedoria ancestral era preservada e ensinada aos jovens que eram preparados para assumir os cargos mais altos, principalmente os relacionados com a religião e a educação era ministrada pelos sacerdotes.

Escolhemos um autor contemporâneo Leon- Portilla e outro do momento da conquista espanhola Frei Bernardino de Sahagun com o intuito de buscar uma descrição do ensino na Calmecac nos textos dos respectivos autores, ambos deixam uma ideia dos

¹ LEON-PORTILLA, M. A Mesoamerica antes de 1519. In: BETHELL, L. (org). A América latina Colonial. V.1. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edups; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. 1997; SAHAGUN, B. História general de las Cosas de Nueva España. México: Porrúa, 1989; TODOROV, T. A conquista da América. A questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996. SOUSTELLE, J. A civilização asteca. Trad. Maria Julia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

² SOUSTELLE, J. op cit, p. 31, 62

³ Idem, p. 38

conteúdos ensinados aos jovens pelos sacerdotes. Para o pesquisador Miguel Leon Portilla “O jovem *pipiltin* aprendia formas elegantes de falar, hinos antigos, poemas e relatos históricos, doutrinas religiosas, o calendário, astronomia, astrologia, preceitos legais e a arte de governar”⁴.

O frade franciscano Bernardino de Sahagun que chegou ao México por volta de 1527, poucos anos depois da conquista de Hernan Cortez, deixou uma obra monumental para estudar os povos que habitavam a região e principalmente com longas descrições sobre os mexicas. Ao descrever a Calmecac as relaciona com as oferendas aos deuses pagãos “*Em nascendo uma criatura luego los padres y mades hacian voto y ofrecian la criatura a la cas de los ídolos, que se llama Calmecac o Telpochcalli*”⁵. O frade Sahagun explicou que a intenção dos pais da criança era de que no futuro a pessoa se dedicasse a ser ministro dos deuses que o frade chamou de ídolos.

Conclusão

A descrição das funções da Calmecac é ampla com práticas que envolviam atividades mágico-religiosas e iniciar os jovens nas artes bélicas, cabia a estes centros de estudos ensinar ao jovem os bons costumes, doutrina, exercícios, vida casta, neles não havia coisa que desabonasse a conduta do jovem, ou repreensão, nem afronta aos costumes. As regras eram estritas e aqueles que transgrediam estas normas eram castigados⁶. O jovem era educado para exercer um conjunto de práticas cotidianas que iam desde limpar a casa, passando pelos estudos e as longas horas de serviços e oração.

Os astecas constituíam uma sociedade em que as boas maneiras revestiam de importância, por conta dos rituais que cercavam o cotidiano. Esperava-se que os ideais de abnegação, autocontrole, moderação das paixões, fizessem parte do cotidiano e eram considerados como “preceitos antigos”, ensinado em casa e nas escolas. Dos jovens *pipiltin* estes valores transparecem nos discursos e atitudes que deles se esperavam.

Aos pais cabia contribuir com ensinamentos em casa como meio de disciplinar os filhos e possuía objetivos práticos, como tarefas de casa e ou para preparar os jovens fisicamente para a guerra.

A concepção de educação era muito distinta da praticada na sociedade contemporânea. Os astecas valorizavam as boas maneiras, a instrução por meio dos rituais e da leitura dos manuscritos com poemas mitológicos e históricos, escritos em hieroglíficos e os livros revestiam-se de grande importância para eles. Os livros eram pintados sobre folhas feitas de fibras de agave ou cortiça batida, ou sobre tiras de pele de cabrito dobradas como se fossem um biombo⁷. Estas técnicas eram ensinadas aos jovens que permaneciam na Calmecac para se tornar um sacerdote.

O complexo sistema de valores ensinado aos jovens no México antigo, ligado a um sistema cosmológico referendava uma educação voltada para instrumentalizar o jovem na manutenção da ordem social.

⁴ LEON-PORTILLA, M. Op. Cit, p. 45

⁵ SAHAGUN, B. Op. Cit. p. 208.

⁶ Idem, p. 211-213

⁷ SOUSTELLE, J. p. 19

Referências:

- DEL-CASTILLO, B. D. **História verdadera de La conquista de La Nueva Espana**. Madrid: História 16, 1984.
- LAFAYE, J. **Quetzalcóatl y Guadalupe**. La formación de La conciencia nacional em México. México: Fondo de Cultura Economica, 1985.
- GRUZINSKI, S. **La colonización de Ió imaginário**. Sociedades indígenas y occidentalización em El México español. Siglos XVI-XVIII. México: Fondo de Cultura Economica, 1993.
- LEON-PORTILLA, M. A Mesoamerica antes de 1519. In: BETHELL, L. (org). **A América latina Colonial**. V.1. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edups; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. 1997.
- SAHAGUN, B. **História general de las Cosas de Nueva España**. México: Porrúa, 1989.
- SOUSTELLE, J. **A civilização asteca**. Trad. Maria Julia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SOUSTELLE, J. **El Universo de Iós Aztecas**. México: Fondo de Cultura Economica, 1992.
- TODOROV, T. **A conquista da América. A questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.